

## SOBRE O QUE NOS AMANHECE

Caros leitores,

Esta publicação marca o início de uma nova gestão na SIG – Sigmund Freud Associação Psicanalítica, e, conseqüentemente, na *SIG Revista de Psicanálise*, com Magda Medianeira de Mello como presidente e Ingrid Stoll Coelho como diretora de Comunicação. Agradeço a elas pela confiança do convite para permanecer como editora responsável, trabalho que muito me orgulha e entusiasma.

Estamos ainda celebrando os 10 anos da revista, e seguindo as comemorações, criamos para esta edição uma seção *História*, na qual republicamos cinco artigos marcantes por sua relevância e constante atualidade. Tenho certeza de que irão gostar de revisitar esses excelentes trabalhos selecionados com muito cuidado pela comissão executiva.

Ainda em atmosfera de celebração e homenagens, o psicanalista e dramaturgo Julio Conte é o entrevistado desta edição e nos conta sobre o processo de criação da peça *Aquilo que nos amanhece*, uma tocante montagem inspirada em contos do escritor João Gilberto Noll. Os psicanalistas Amadeu Weinmann e Liège Didonet, que comentaram o espetáculo no último Cena SIG, em Porto Alegre, enriquecem a entrevista com suas valiosas impressões.

Inspirados neste título e na riqueza da experiência que se transmitiu através desta obra, a comissão executiva pensou em ressaltar o fato de a psicanálise fundar-se como construção a partir de fragmentos. Pensamos que a escuridão e a luz, propostas como metáforas na peça, ocultam e revelam vestígios, traços que com-

põem narrativas nas quais os sentidos estão sempre por se fazer. Neste processo, ainda antes da palavra, além de priorizar a necessidade de uma ampla escuta psicanalítica, pensamos que também o corpo merece lugar de destaque, como lugar de inscrição e emergência do pulsional. Foi assim que elegemos estes eixos principais para compor essa edição.

Seguindo a linha de nosso convite, a psicanalista Ana Cláudia Santos Meira assina a seção *Convidado* nos oferecendo uma preciosa reflexão sobre a fundamental posição de não certeza como inerente ao trabalho da escrita analítica. Ela toma o modelo da associação livre e da atenção flutuante para entrelaçar o trabalho da escrita ao da clínica, e de forma muito bela, resalta formulações freudianas relevantes que nos apontam para essa posição.

Já na seção *Em Pauta*, as psicanalistas Magda Medianeira de Mello e Paula Gruman aceitam nossa consignação e abordam a questão do corpo na clínica psicanalítica. Magda nos traz um consistente percorrido teórico sobre esse tema, enlaçando-o com uma rica vinheta clínica da escuta de uma criança, o que nos oportuniza acompanhar o belo trabalho representacional na esfera da transferência. Paula Gruman nos brinda com um texto muito relevante no qual analisa a temática do corpo materno na perspectiva da filósofa, psicanalista e linguista belga Luce Irigaray. A autora ressalta que a obra de Irigaray, pouco conhecida no meio psicanalítico, traz conceitos importantes que, em interlocução com outras teorias de gênero, criariam um importante espaço para as diferenças na produção de saberes.

Na seção *Artigos*, Bibiana Godoi Malgarim faz relevantes enlaces teóricos através dos quais aborda a importância de uma clínica do cuidado e da presença. Revisitando textos freudianos, pós-freudianos e de psicanalistas contemporâneos, a autora ressalta a necessidade de uma escuta que se deixe permear pela atualidade cultural na qual o sujeito está inserido, escuta que não pode abrir mão de questionamentos constantes.

Carolina Sartoretto e Carolina de Barros Falcão nos convidam para que aprofundemos o debate acerca da concepção de um corpo magro como corpo ideal, ressaltando o papel do ideal de magreza como operador da subjetivação feminina. Um trabalho rico, que nos permite pensar uma questão bastante relevante da cultura contemporânea, à luz da psicanálise.

Camila Berlino e Paulo José da Costa, em uma intersecção com a literatura, através da análise do livro *A linha de sombra*, de Joseph Conrad, aproximam a ideia de “desconhecido” ao fazer psicanalítico. Dessa forma, e fundamentados em conceitos de Bion, os autores nos convidam a realizar uma travessia análoga ao trabalho psicanalítico, de desconstrução e criação de novos arranjos a que só as incertezas, por mais assustadoras que sejam, podem dar início.

Finalizando a seção *Artigos*, Rafael Werner nos brinda com um excelente texto no qual trabalha o tema do feminino em *O banquete* de Platão, à luz da figura de Diotima de Mantinea. Através da análise dessa personagem, ele denuncia a subjugação das mulheres em uma cultura patriarcal e ressalta a ligação entre a força do feminino e a construção do saber, no sentido da constante renovação na busca pelo conhecimento.

A seção *Resenha* nos oferece instigantes textos que nos convidam a conhecer duas obras atuais. Maurício Martins Reis nos oferta seu olhar sobre *O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias*, de Elisabeth Roudinesco, e Maria Izabel dos Santos Freitas escreve sobre *Histórias de captura: investimentos mortíferos nas relações mãe e filha*, de Ana Cláudia Santos Meira.

Para que a *SIG Revista* esteja com esta qualidade nas mãos de vocês, agradeço pela inestimável contribuição da comissão executiva, agora composta pelos colegas Andréa Mongeló, Felipe Szyszka Karasek, Gabriel Teitelbaum, Luiza Tolardo Dal Conte e Natacha Hennemann de Oliveira Becker, pela disponibilidade e principalmente pelo entusiasmo e seriedade com nosso trabalho.

Por fim, espero que as luzes que as leituras dos textos desta edição colocam em cena possam nos inspirar e nos lembrar de que a escuridão, por mais duradoura que seja, em algum momento ficará para trás. Que o trabalho nos amanheça!

Eneida Cardoso Braga

Editora Responsável